

## Dedo de Deus

Armando Freitas Filho

**D**ia de verão rasgado  
passado a ferro  
com o coração de carne  
batendo na boca  
com o punho fechado.  
Ficar e fruir sem filtro  
chupando do outro corpo  
pela sua mufa  
todo o calor e o sal  
enquanto escrevo sem alvo  
sobre o mesmo mar de Camões.  
Monotonia, pico, planície  
De Chiricos e espíritos recortados  
ao arrepio do sol, sem a dúvida  
de uma única nuvem.

O vento apura a montanha  
tenta aperfeiçoar o mar  
uma onda, uma ode:  
uma estátua não se inventa  
só com o desejo  
de uma pedra cega.  
Nada na água pára  
e na terra que gira —  
soluça, em perpétuo  
empate — cara a cara  
zero a zero —  
com seus perfis casuais  
de esfinges, climas  
que têm o mesmo instinto  
tempo de vida, ânsia  
ou substância — distantes  
testemunhas indiferentes  
e oculares:  
dois lagos que não piscam  
sem a pedra/sem a luz  
sem o ponto final da lua.

